

## EXPERIÊNCIAS URBANAS NAS GALERIAS DE COPACABANA

EXPERIENCIAS URBANAS EN GALERIAS DE COPACABANA

URBAN EXPERIENCES IN COPACABANA GALERIES

EIXO TEMÁTICO 2 – O Lugar da Teoria, da Crítica e da História no Projeto

### Autor: Eduardo Horta

Mestre em Desenho Urbano pelo PROURB-FAU-UFRJ (2000), doutorando em Urbanismo pelo PROURB-FAU-UFRJ. Professor Assistente, Chefe do Departamento de Projeto de Arquitetura da FAU-UFRJ.

### Co-autor: José Ripper Kos

Doutor em Tecnologia da Informação e história da Cidade pela University of Strathclyde, Glasgow, Reino Unido (2003). Professor do PROURB-FAU-UFRJ desde 1994.

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de contribuir para a prática do projeto através de uma reflexão sobre o que pode revelar a análise de espaços arquitetônicos fora dos padrões convencionais. Analisa algumas galerias de loja encontradas na principal via comercial do bairro de Copacabana no Rio de Janeiro. Chama a atenção que as galerias em questão sejam espaços tão fora do convencional que seu uso atual assume caráter poético de aventura através de um mundo paralelo que desconhece a dureza do mercado imobiliário ou o glamour dos *shopping centers*. É possível estabelecer um paralelo com a pesquisa de Walter Benjamin sobre as Passagens comerciais de Paris no século XIX. O autor pretendia retratar a sociedade parisiense através de fragmentos da história dos frequentadores, personagens não retratados na historiografia oficial.

**Palavras-chave:** Galerias, Copacabana, Uso Misto.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo contribuir a la práctica del diseño de proyecto con una reflexión sobre lo que puede revelar el análisis de espacios arquitectónicos fuera de las norma convencionales. Examina algunas galerías comerciales que se encuentran en la principal calle comercial de Copacabana en Río de Janeiro. Llama la atención que las galerías en cuestión son espacios tan no convencionales que su utilización actual sea una aventura poética a través de un mundo paralelo que desconoce la dureza del mercado o el glamour de los shopping centes. Vamos a hacer un paralelo con la investigación de Walter Benjamin sobre las “commercial arcades” en París del siglo XIX. El autor pretende retratar la sociedad parisina a través de fragmentos de la historia de los habituales, personajes no retratados en la historiografía oficial.

**Palabras-clave:** galerías, Copacabana, Uso misto.

**Abstract:** This work aims to contribute to the design practice through a reflection on what the analysis on architectural spaces out of the standards can reveal. It examines some commercial arcades located in the main commercial street of Copacabana in Rio de Janeiro. Draws the attention the fact that the arcades in question are so unconventional spaces that current use takes the user to a poetic adventure through a parallel world that ignores the hardness of the real estate market or the glamour of malls. It will make a parallel with the research that Walter Benjamin made on Commercial Arcades in Paris in the nineteenth century. The author intended to portray Parisian society through fragments of the history of the regulars, not characters portrayed in official historiography.

**Keywords:** galleries, Copacabana, Mixed Use

## EXPERIÊNCIAS URBANAS NAS GALERIAS DE COPACABANA

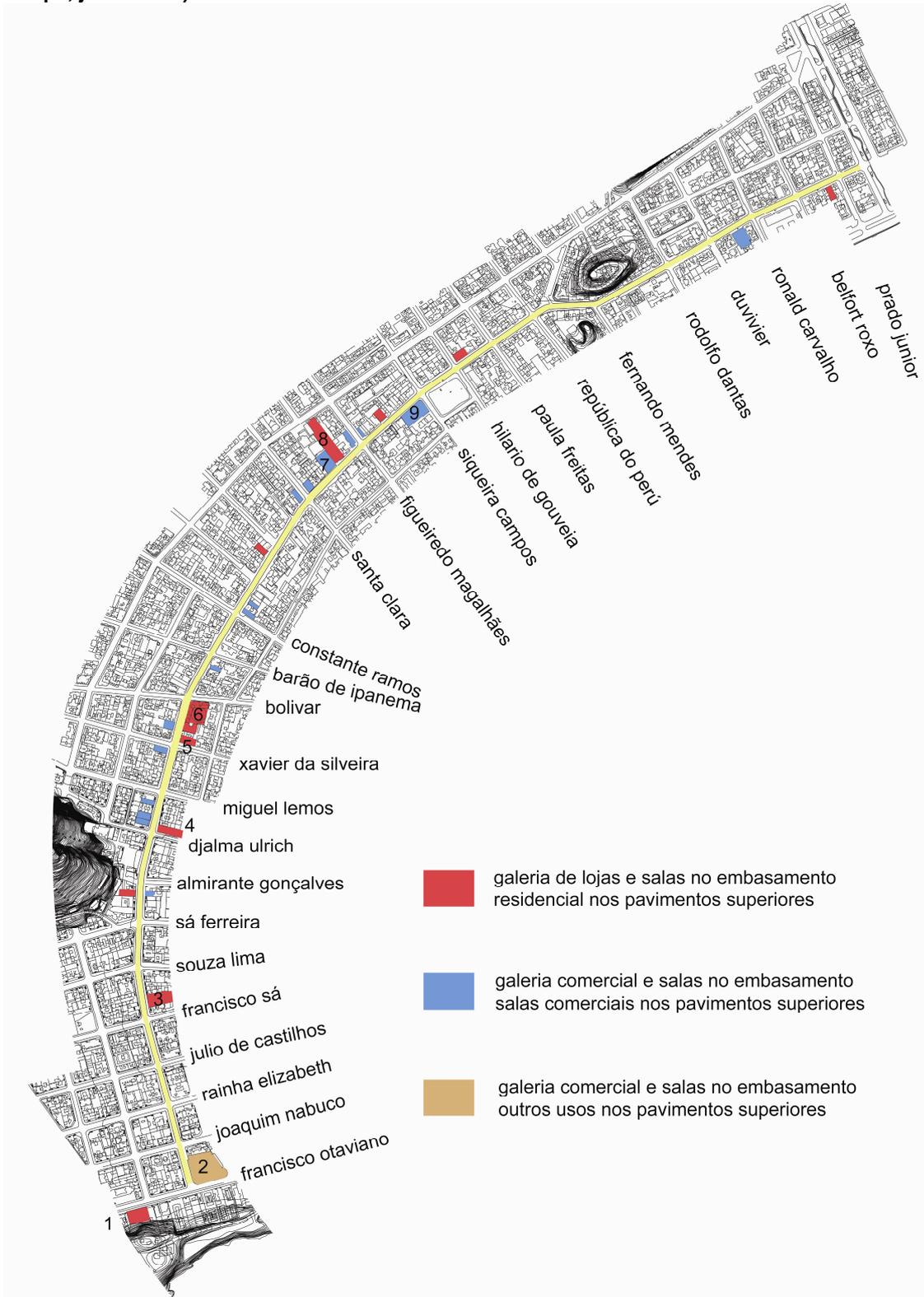
### INTRODUÇÃO

Juntando a experiência de vinte e poucos anos como arquiteto, trabalhando em projetos para o mercado imobiliário, com a experiência de morador de Copacabana (aliados também ao espírito de *flaneur*<sup>1</sup> diletante e a curiosidade técnica do arquiteto), certos edifícios da Avenida Nossa Senhora de Copacabana despertaram minha curiosidade. Trata-se da principal via de passagem do bairro e eixo estruturador de usos e atividades. Conhecida pelo seu paredão de edifícios praticamente só interrompido nas razoavelmente estreitas ruas transversais. E também pelo seu caráter eclético quanto aos usos, atividades e classes sociais. Copacabana é um campo fértil para observação de estruturas arquitetônicas que não estão de acordo com os parâmetros atuais de mercado. Edifícios de apartamentos com centenas de unidades amontoadas sem ventilação e iluminação adequadas. Unidades com plantas mal distribuídas, cozinhas que não cabem geladeiras e máquinas de lavar roupa. Além disso, Copacabana é um caldeirão de tipos humanos, classes sociais e faixas etárias onde todos convivem aparentemente de forma aceitável. Junte-se a isto, em meio ao mercado imobiliário carioca em momento de supervalorização pré Copa do Mundo e pré Olimpíada, tem um dos metros-quadrados mais valorizados da cidade. A grande maioria dos edifícios tanto os residenciais quanto os comerciais, tem lojas no térreo. O comércio é variado com pequenas e anônimas lojas de bairro convivendo com lojas de marcas conhecidas, bancos, restaurantes e lojas de *fast food*. Existe também um grande número de galerias de lojas, configuração arquitetônica que multiplica a frente comercial utilizando corredores internos conectados a rua. Estas galerias são em geral decadentes, sujas, pouco convidativas, mas tem uma vitalidade especial que merece uma observação mais apurada. Elas serão o foco deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Flaneur – Personagem presente na obra de Walter Benjamin, Baudelaire e outros autores do final do século XIX. O flaneur, o “caminhante” foi representado como um homem bem vestido que caminha despreocupado pelas arcadas comerciais de Paris. Um consumidor sem a intensão de comprar, um parasita intelectual das passagens comerciais. Ele caminha para passar o tempo. Se transforma numa face anônima na multidão, livre para observar, procurar pistas e características que não são percebidas pelos demais.

**Figura 01: Mapa em torno da Avenida Nossa Senhora de Copacabana (em amarelo), Rio de Janeiro e suas galerias comerciais. 1 – Galeria River; 2 – Shopping Casino Atlantico; 3 – Galeria Alaska; 4 – Edifício Rodrigues Peres; 5 – Edifício Charleroi; 6 – Edifício Roxy; 7 – Shopping 680 (antiga galeria do chafariz); 8 – Galeria Menescal; 9 – Centro Comercial de Copacabana. (Pesquisa de Campo, junho 2013)**



Fonte: Intervenção do autor sobre planta aerofotogramétrica da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

## HISTÓRICO

O areal de Copacabana era uma faixa de terra na beira mar oceânica do Rio de Janeiro (fora da Baía de Guanabara) separada do núcleo histórico da cidade por uma cadeia de morros. Sua ocupação e desenvolvimento são um fenômeno ocorrido exclusivamente ao século XX, onde, à medida que eram abertos túneis<sup>2</sup> e acessos que venciam os morros o bairro foi sendo configurado e ocupado a partir de loteamentos formais e abertura de logradouros na maioria dos casos de iniciativa privada. Nas primeiras décadas Copacabana se configura como balneário que atrai residências unifamiliares, em seguida hotéis e restaurantes. Em 1930, o conhecido Plano Agache<sup>3</sup> já conceitua a Avenida Nossa Senhora de Copacabana como eixo estruturador do bairro e determina que “as edificações coletivas deveriam ficar perto das grandes artérias e da concentração de comércio e de transportes” (Cardeman, 2012. Pág. 75). Os primeiros edifícios altos surgiram nas décadas de 30 e 40 nas proximidades do Hotel Copacabana Palace (1923) e da Praça do Lido (Cardeman & Cardeman, 2004. Pág.180). Com o passar das décadas a municipalidade e seus Planos Diretores foram aumentando gradativamente o gabarito à medida que o mercado solicitava e também a técnica de construção permitia. Entre 1940 e 1950 ocorre a ocupação mais intensa do bairro, sua verticalização e densificação. Principalmente a partir de 1945 com o fim da 2ª. Guerra Mundial o bairro passa por um intenso processo de renovação imobiliária com a substituição de construções mais baixas, as primeiras ocupações, por edifícios altos. Os anos 60 são o apogeu de seu uso comercial, do sucesso de seus bares, restaurantes, boates e lojas de moda. Em meados dos anos 70 são modificados os parâmetros quanto à necessidade de vagas de garagem e surgem os edifícios com embasamento marcado exclusivamente por estacionamento.

Deste histórico resumido é possível concluir alguns pontos com relação ao processo de surgimento das galerias de lojas de Copacabana:

---

<sup>2</sup> A partir de 1892, quando é aberto o Túnel Velho ligando o bairro de Botafogo a futura rua Siqueira Campos.

<sup>3</sup> Em 1926, o então Prefeito Prado Junior convida o urbanista francês Donat-Alfred Agache (1875-1959) para visitar o Rio de Janeiro e elaborar um plano urbanístico para a cidade.

- Podemos observar no mapa que a área onde ocorrem menos galerias é a área da primeira ocupação de edifícios altos (entre as décadas de 30 e início dos 40), trecho entre as ruas Paula Freitas e Belfort Roxo, anterior ao movimento maciço de densificação do bairro.
- Ao contrário a área onde ocorrem mais galerias, principalmente aquelas em edifícios mistos, foi ocupada nos anos 50. A valorização e a demanda comercial aliada à postura liberal das autoridades municipais que incentivava a densificação do bairro, pode explicar a opção pela multiplicação dos espaços comerciais dentro de um mesmo lote. Essa tendência é confirmada com a predatória política comercial de construção de unidades residenciais mínimas, as chamadas quitinetes que tinham por volta de 30 metros quadrados. O marco que finaliza a era da construção deste tipo de edificação é o ano de 1962 quando um decreto estabelece 60 metros quadrados como área mínima das unidades residenciais.
- Os anos 80 são marcados pela decadência do bairro de Copacabana, gerando envelhecimento de suas construções e esvaziamento do antigo *glamour*. Vale observar que em 1965, ano do Plano Doxiadis<sup>4</sup>, Copacabana tinha 250.000 habitantes e estimavam que no ano 2000, esta população dobraria. (Doxiadis, 1965, mencionado em Cardeman, 2012. Pág. 78). Na verdade de acordo com o censo do IBGE<sup>5</sup>, em 2000 a população era de 147.021 habitantes e em 2010, 146.392. Ou seja, a população vem decrescendo o que confirma o cenário de decadência. Some-se a isto o fato de “Copacabana ser o bairro com maior número de idosos do País, em números absolutos.”<sup>6</sup>. Copacabana ocupa o 6º. Lugar em preço de locação comercial na cidade do Rio (R\$100/m<sup>2</sup>, enquanto que Ipanema ocupa a 1ª. Posição com R\$207/m<sup>2</sup>)<sup>7</sup> e o 8º. Lugar em preço de venda. (junho de 2013 – R\$11.370/m<sup>2</sup>)<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> Em 1960 a capital da República se transfere para Brasília e o Rio de Janeiro se transforma no Estado da Guanabara. Seu primeiro governador, Carlos Lacerda, contrata o escritório do urbanista grego Constantinos Doxiadis para um elaborar um plano de desenvolvimento urbano que seria concluído em 1965.

<sup>5</sup> Informações do Armazem de Dados da Prefeitura do Rio

<sup>6</sup> Informações do censo IBGE, 2010

<sup>7</sup> Informações de [www.infomoney.com.br](http://www.infomoney.com.br)

<sup>8</sup> Informações de <http://exame.abril.com.br>

## MODERNISMO X USO MISTO

É possível traçar um paralelo da ocupação de Copacabana com o florescimento e consolidação das ideias modernistas ao longo do século XX. A Avenida Nossa Senhora de Copacabana em questão e suas galerias são essencialmente estruturas urbanas que tem o uso misto como valor fundamental. Apesar disto, uma série de ideias e teorias de urbanismo surgidas em paralelo com a ocupação de Copacabana posicionaram-se radicalmente contra a ideia de uso misto ou do edifício de uso misto.

A rejeição ao uso misto fazia sentido no contexto das cidades industriais do século XIX e por isso era parte fundamental da agenda do pensamento urbanístico daquele momento desde Charles Fourier, passando por Ebenezer Howard, Patrick Abercrombie até Le Corbusier. Pretendia-se fixar a separação funcional como uma condição lógica para o progresso e desenvolvimento humano (Rogers e Gumuchdjian, 1997. Pág. 32)

A cidade do Rio de Janeiro de hoje é resultado em maior ou menor grau destas ideias. A agenda modernista consolidada no início do século XX teve sobre nós uma influência fundamental. Esta influência foi primeiro manifestada exclusivamente no campo arquitetônico com o surgimento por aqui de uma profícua vanguarda de arquitetos modernistas que produziu uma obra significativa. Já no campo do Urbanismo estas idéias demoraram a se tornarem efetivas. Elas repercutiram de forma impactante na Academia criando um corpo de paradigmas que demoraram ainda algumas décadas para serem colocados em prática.

Entendendo que o Movimento Moderno não foi um conjunto coeso e unânime de proposições sobre urbanismo, algumas idéias conseguiram ser concretizadas fisicamente ou conseguiram se fixar no corpo de conhecimento do urbanismo como verdades. As discussões e proposições do IV CIAM que resultaram na Carta de Atenas (1933) certamente estão nesse caso. É preciso destacar, entretanto que em paralelo, outras idéias foram veiculadas e de alguma maneira não tiveram a mesma repercussão.

A Carta de Atenas documento - manifesto redigido pela equipe da qual fazia parte o arquiteto Le Corbusier, como consequência das discussões apresentadas no IV CIAM, propunha a cidade separada de acordo com os seus usos e suas funções.

“A Carta de Atenas seria a máxima expressão desta corrente racionalista e tecnocrática que serviu de base para o urbanismo especulativo do capitalismo.”  
(Montaner, 2001. Pág. 36)

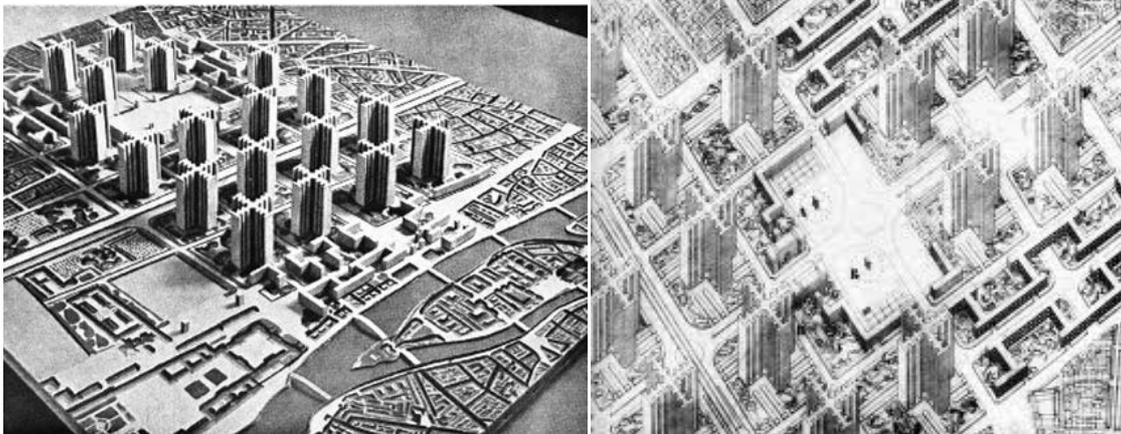
Seu caráter funcionalista extremo entendia que o consumo de uma área habitacional deveria ser cientificamente calculado para que ali só existissem centros de abastecimento em escala e quantidade suficientes para atender a demanda de seus moradores. As áreas de trabalho, comércio, escritórios deveriam estar no centro da cidade e a indústria adequadamente afastada dessa dinâmica. A essência dessas idéias rejeitava a mistura de funções na cidade. A Carta de Atenas viria a influenciar drasticamente as ideias urbanísticas do Rio de Janeiro tanto nas normativas quanto no campo do projeto urbano. No final dos anos 60, Lucio Costa cria o Plano da Barra da Tijuca<sup>9</sup> e em 1976 é publicado o decreto 322, ambos sob inegável influência da Carta de Atenas. Este decreto continua em vigor até os dias de hoje na cidade.

O urbanismo que dá excessiva ênfase ao transporte individual motorizado descende das ideias de Le Corbusier que em 1922 apresenta um projeto para uma cidade abstrata com três milhões de habitantes. Em seguida apresenta uma versão que intervém na cidade de Paris, no ano 1925, o *Plan Voisin*. A relevância da menção ao nome de Le Corbusier é que ele teve grande influência sobre o desenvolvimento do urbanismo em várias partes do mundo em especial no Brasil. Seja devido a suas visitas, sua eloquência, sua disposição para viagens e conferências ou sua capacidade de sistematização de idéias (Choay, 1965. Pág. 183). O fato é que o planejamento urbano moderno e ortodoxo (Jacobs, 2000. Pág.1) e a maneira de fazer arquitetura na cidade incorporou muito de suas idéias.

---

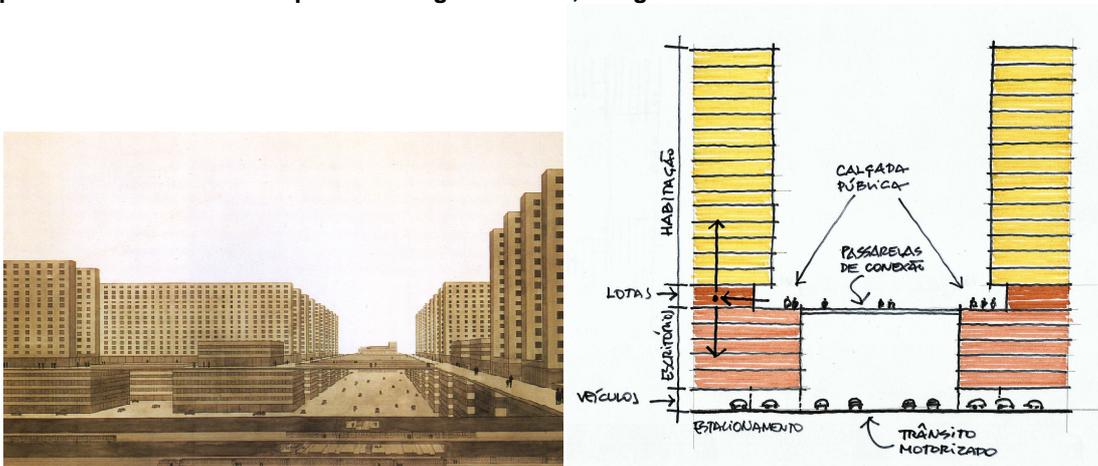
<sup>9</sup> Em 1969, Lucio Costa publica o plano piloto de urbanização e zoneamento para a Barra da Tijuca. O plano se antecipava à ocupação da região. Uma década após o plano piloto de Brasília (1957)

Figura 02 - Cidade para 3 milhões de habitantes – Le Corbusier, 1922, à direita e o Plan Voisin para Paris, 1925, à esquerda. Projeto patrocinado pelo industrial fabricante de automóveis, Gabriel Voisin. Semelhanças ideológicas com o plano da Barra da Tijuca de Lucio Costa, 1967.



Entretanto, outras propostas surgiram sob a mesma base ideológica no mesmo momento histórico. O arquiteto alemão Ludwig Hilberseimer propõe em 1924 uma cidade para 1 milhão de habitantes (*Hochhausstadt*), em resposta direta àquela de Le Corbusier. Ao invés de separar setores de moradia e setores dedicados ao trabalho como faz Le Corbusier, Hilberseimer cria uma cidade baseada em blocos de uso misto. Separa as funções em camadas horizontais superpostas. Moradias em 15 pavimentos sobre escritórios e lojas abaixo em cinco pavimentos iniciais. Faz isso para responder ao que qualifica de erro de Le Corbusier quanto à densidade populacional em sua proposta de 1922 e para resolver o problema dos deslocamentos residência-trabalho, como explica o próprio arquiteto em sua publicação “*Groszstadt Architektur*” de 1927.

Figura 03 - Cidade para 1 milhão de habitantes – Ludwig Hilberseimer, 1924. Térreo exclusivo para veículos. Pedestres utilizam circulação aérea no nível do quinto pavimento onde teriam acesso ao comércio, serviços e as unidades residenciais acima. A área dos escritórios ficava entre a passarela e o térreo. Comparar com figura 04 e 05, a seguir.



Fonte: Imagens extraídas do livro “*Groszstadt Architektur*” de 1927, Ludwig Hilberseimer e croqui do autor, junho 2013.

O edifício misto proposto por Hilbersiemer se assemelha muito a tipologia em questão, os edifícios com galerias e moradia construídos nos anos 50 em Copacabana. O embasamento para comércio, serviços e o trabalho de maneira geral e as unidades de moradia a partir de condições e dimensionamento mínimos acima. Não estamos sugerindo que os construtores de Copacabana tenham tido algum conhecimento do trabalho do arquiteto alemão. O senso comum é que “são prédios de desenhista, projetados por técnicos ou rúbulas e erguidos por engenheiros civis, traduzindo-se em fachadas pobres, plantas repetitivas e péssimas condições de ventilação e insolação.”<sup>10</sup>

Tanto LC como LH estabelecem condições de transformação social para que seus modelos sejam aplicados adequadamente. Nas palavras de Jacobs (2000, pág.22): “Le Corbusier planejava não apenas um ambiente físico; projetava também uma utopia social”.

Ambos exigiam transformações às vezes radicais no modo de vida ocidental capitalista<sup>11</sup>. LH afirma, por exemplo, que o direito de propriedade não deveria existir na cidade da mesma forma que no campo. Em sua proposta, as habitações da cidade são concebidas como hotéis, onde o morador já encontra o mobiliário adequado fixo no apartamento. Caso mude o local de trabalho ele se muda para uma das habitações do bloco correspondente. Tudo isso no sentido de minimizar o transporte horizontal de ir e voltar do trabalho.

Independente de seu caráter utópico, a proposta de Hilberseimer de conceber o uso misto vai contra as idéias hegemônicas nos primeiros CIAM. O que configura um elemento de interesse particular. As Unidades de Habitação de Corbusier também reivindicavam um enorme grau de autonomia, mas seus blocos deveriam estar em meio ao verde isolados das demais construções e o lugar do trabalho deveria estar separado criando os núcleos de negócios em grandes torres no centro das cidades.

Este embate imaginário entre as idéias de Le Corbusier e Ludwig Hilberseimer nos leva a imaginar uma história dos perdedores, ou seja, a história que pode

---

<sup>10</sup> Comentários e informações do blog: [www.rioquepassou.com.br](http://www.rioquepassou.com.br)

<sup>11</sup> Para conceituação do modo de vida do capitalismo de consumo ver autores como Lipovetsky, 2004 e Klein, 2002

ser contada pelo conjunto de hipóteses considerando que as idéias de Hilberseimer tivessem assumido a condição de hegemônicas.

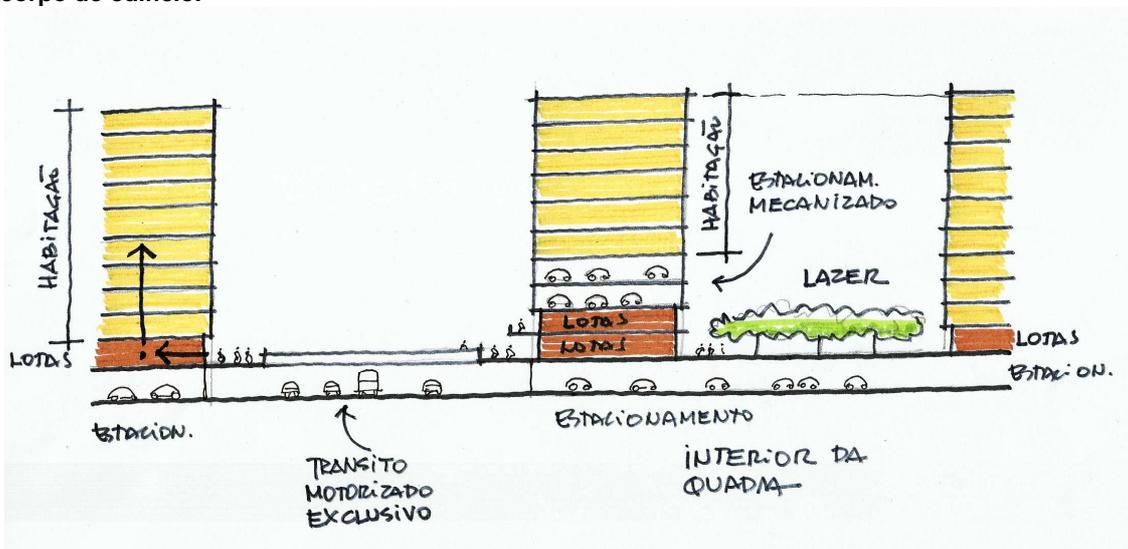
Não podemos esquecer que em 1965, no Plano Doxiadis, o urbanista grego propõe para a Avenida Nossa Senhora de Copacabana uma configuração onde o térreo seria deixado exclusivamente para o tráfego de veículos e acesso as garagens dos edifícios e as lojas seriam transferidas para um nível acima. As calçadas exclusivas para pedestres aconteceriam em passarelas construídas como varandas dos edifícios no nível do comércio. Configuração semelhante à proposta por Hilbersiemer.

**Figura 04:** Esquema proposto por Doxiadis com circulação de pedestres aérea no nível do primeiro pavimento onde estariam localizadas as lojas.



Fonte: ilustração extraída do livro Por dentro de Copacabana (Cardeman, 2012), p.80.

Figura 05: Observar semelhanças com a proposta de Hilbersiemer com o térreo deixado exclusivamente para veículos, trânsito e estacionamento. Doxiadis ainda sugere uma complementação no número de vagas utilizando recursos de mecanização e estacionamentos no corpo do edifício.



Fonte: Croqui do autor, junho 2013.

No campo internacional, a maioria das propostas de arquitetos apresentadas após o CIAM de Otterlo em 1959, tinham na sua essência traços polifuncionais que deixavam clara a oposição assumida contra a corrente funcionalista, hegemônica até a década anterior. Entre eles, Team 10, Archizoom, Archigram. Vemos nas famosas imagens do Archigram estruturas de cidades genéricas que se assemelham tanto ao modelo de Hilbersiemer quanto ao projeto de Doxiadis, porém revestidas de um caráter de ficção científica coerente com o momento histórico, a década das conquistas no espaço por EUA de um lado e URSS de outro.

Esta comparação das datas da veiculação das idéias e suas materializações sugere um urbanismo que permitiu uma situação contraditória. Ao mesmo tempo em que a academia e parte significativa da classe arquitetônica abraçava a corrente derivada da Carta de Atenas, outro urbanismo era praticado nos trechos de cidade já consolidados. Criou-se a ilusão da hegemonia incontestável dos princípios da Carta de Atenas e em paralelo a cidade seguia sendo edificada sob parâmetros que privilegiavam a iniciativa privada e as necessidades mais imediatas (em geral privadas). Na verdade, este trabalho assume uma posição de buscar e valorizar idéias não alinhadas e que tornaram possível a construção dos edifícios com galerias.

Voltando ao Rio de Janeiro, vários edifícios mistos (coerentes com o modelo proposto por Hilbersiemer e posteriormente por Doxiadis) significativos foram construídos. No início dos anos 40 a Galeria Menescal (número 8 na figura 1), como uma das passagens comerciais de Paris, liga a Avenida Copacabana a Rua Barata Ribeiro (segundo eixo viário e comercial do bairro). Foi originalmente construída com unidades residenciais nos pavimentos superiores. Estes foram gradativamente se transformando em escritórios e consultórios. Hoje em dia o edifício é misto. O acesso aos pavimentos superiores ocorre por dentro da galeria, o que não foi mais permitido por legislações posteriores. A galeria comercial sempre foi uma referência para os moradores do bairro. O subsolo foi construído como abrigo antiaéreo e hoje funciona como garagem. Em 1955, o Centro Comercial de Copacabana (número 9 na figura 1), dos Irmãos Roberto e em 1960, o Cidade Copacabana

na Rua Siqueira Campos de Henrique Mindlin. O edifício misto configurado por apartamentos acima e galeria de lojas no embasamento e com acessos independentes é permitido até hoje em algumas áreas da cidade do Rio de Janeiro

A tendência da nossa literatura especializada de valorizar as singularidades arquitetônicas e principalmente exemplos alinhados com os paradigmas fiéis ao momento histórico fica evidente se observarmos que as publicações disponíveis sobre a produção arquitetônica modernista brasileira, em especial do Rio de Janeiro que não menciona edifícios de uso misto mesmo que vários deles tenham sido projetados por arquitetos de renome (e com forte vínculo com o movimento moderno) como mencionado. Por exemplo, o livro “Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro” de Xavier, Britto e Nobre, escrito em 1991, começa apresentando o Albergue da Boa Vontade de A.E. Reidy, 1931 e termina 208 obras depois com o ícone pós-modernista Rio Branco 1 de Edison e Edmundo Musa, 1989. Não há nenhuma menção a edifícios mistos. Da mesma forma, o livro “Brasil: Arquiteturas após 1950” de Bastos e Zein, escrito em 2010. Os livros “Arquitetura Moderna Brasileira” de Andreoli e Forty, “Arquitetura Contemporânea no Brasil” de Yves Bruand, não mencionam nenhum edifício misto. O famoso “*Modern Architecture in Brazil*”, escrito por Henrique E. Mindlin em 1956 menciona o Conjunto Nacional de David Liberskind no texto introdutório (pag. 19), mas não apresenta nenhum destes edifícios nos verbetes do corpo do livro. O não menos famoso “*Brazil Builds*” de Philip Goodwin, publicado pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMa) em 1943 também não traz referências a edifícios mistos. Em 2001 a Prefeitura do Rio lança o “Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro” com a proposta de criar percursos pelos bairros da cidade chamando atenção para os exemplares arquitetonicamente significativos. Este livro menciona o edifício chamado hoje “Bom Pastor”, projetado em 1969 pelos Irmãos Roberto. Trata-se de um edifício misto com um programa complexo que envolve lojas, igreja, cemitério, moradia de padres e escritórios (não tem galeria de lojas). É um programa híbrido, mas que em seu corpo principal tem escritórios ao invés de moradias. O livro “Rio Metropolitano” de Lassance, Varella e Capilé, de 2013,

também menciona este edifício além do edifício Shopping Cidade de Copacabana, de 1960, projetado por Henrique Mindlin.

No cenário contemporâneo quando a velocidade da informação parece acelerar o tempo e encurtar as distancias, vemos grandes operações que estão sendo realizadas com estruturas mistas como protagonistas. “*The Shard*”, projeto do arquiteto Renzo Piano em Londres (chamado de “cidade vertical” no site do empreendimento – [the-shard.com](http://the-shard.com)), *Burj Khalifa*, projeto do escritório S.O.M em Dubai, *Linked Hybrid* e *Sliced Porosity* do arquiteto Steven Holl na China, Montevideo, do escritório Mecanoo em Rotterdam, entre outros.

Entretanto, de modo geral há rejeição por parte das pessoas e do mercado e a segurança é talvez o tema mais importante. Retornamos a Rogers que afirma:

“No mundo desenvolvido este conflito está levando os cidadãos a enclausurarem-se em territórios particulares protegidos, segregando ricos e pobres, e retirando o verdadeiro significado do conceito de cidadania. (...) A cidade tem sido encarada como arena para o consumo. (...) A complexidade da comunidade foi desvendada e a vida pública foi dissecada em componentes individuais. Paradoxalmente, nesta época global de democracia em ascensão, cada vez mais, as cidades estão polarizando a sociedade em comunidades segregadas.” (Rogers e Gumuchdjian, 1997. Págs. 8 e 9)

Esta segregação aparece fortemente como separação de funções. O fenômeno dos “condomínios fechados” aparenta ser uma tendência inevitável a menos que os paradigmas mudem radicalmente. A partir de uma avaliação superficial nas grandes cidades do mundo em desenvolvimento (onde ainda há áreas não consolidadas e algum crescimento populacional) percebe-se que o mercado imobiliário, aparentemente movido pela demanda, só oferece este tipo de produto.

Nas palavras de Montaner (2001, pág. 48): “Uma sociedade metropolitana que tende a rejeitar os contatos corporais e que se baseia na desconfiança, no individualismo utilitarista e no consumo, conseguiu impor-se.”

## GALERIAS AÉREAS, AS SOBRELOJAS DE COPACABANA

Ao contrário das Passagens Comerciais de Paris estudadas por Walter Benjamin que cortavam as quadras conectando duas ruas mesmo que de forma tortuosa, a maioria das galerias comerciais de Copacabana não liga dois pontos. São como “becos sem saída” e a comunicabilidade dos acessos aos pavimentos superiores com o híbrido de salas comerciais/ lojas é precária e insuficiente. A circulação de clientes eventuais é praticamente nula. A caracterização da figura do “flaneur” mencionada por Benjamin pressupõe um passeio, um caminhar sem rumo que é incompatível com um beco sem saída.

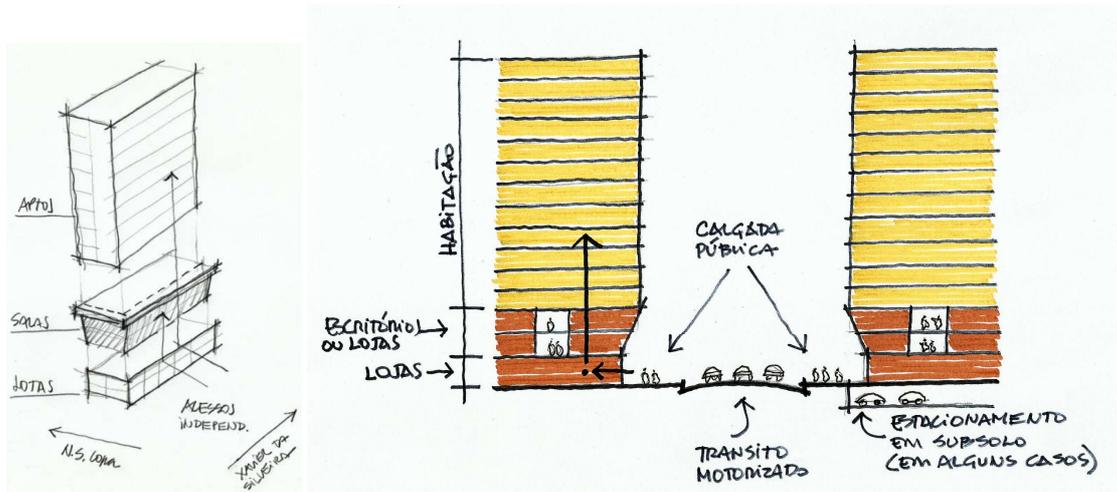
Figura 06 – À esquerda, representação esquemática das Passagens Comerciais de Paris, e à direita representação esquemática das galerias mais comuns de Copacabana. Centro, imagem contemporânea das passagens comerciais de Paris.



Fonte: Croquis do autor, foto ao centro: Kos, 2003. P.34

Mesmo assim, como morador de Copacabana e exercendo o papel de flaneur, caminhando pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana tive a curiosidade despertada pelas formas de dois edifícios cujos primeiros andares são corpos destacados, ligeiramente inclinados com janelas e muitos letreiros. Os acessos, não evidentes localizados num canto e no outro edifício no centro ao lado do acesso a parte residencial se revelaram misteriosos e pouco convidativos. São os edifícios Rodrigues Peres, na esquina da Rua Djalma Ulrich e o Charleroi na esquina da Rua Xavier da Silveira.

Figura 07: Ilustração das Galerias aéreas de Copacabana como os Edifícios Charleroi e Rodrigues Peres.



Fonte: Croquis do autor, abril 2013 e julho 2013

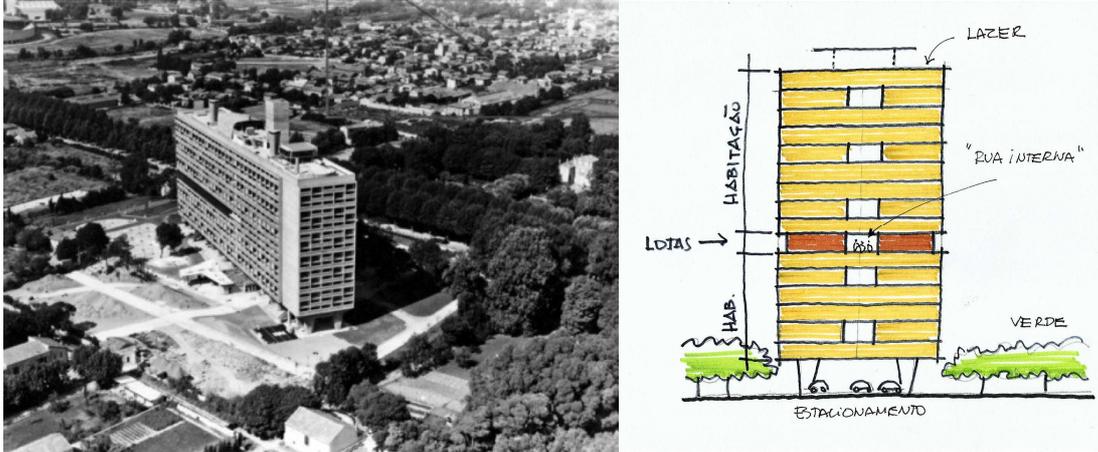
Os dois edifícios são personagens principais das esquinas onde estão implantados. Ambos têm lojas ao longo de toda a extensão do terreno voltadas para as duas ruas e as lojas se multiplicam na vertical. No Charleroi com dois pavimentos de salas/ lojas e no Rodrigues Peres com um só. Configuram uma espécie de rua interna como aquela que Le Corbusier projeta na Unidade de Habitação de Marselha (lá a rua interna é restrita aos 1.600 moradores do edifício). Nos exemplos daqui, são abertas para a rua. Entrar ali é uma legítima experiência urbana. Várias perguntas foram surgindo:

- Será que alguém entra ali?
- Será que o aluguel destas salas é mais barato que num edifício comercial exclusivo e de configuração convencional?
- Que tipo de atividade comercial funciona e se viabiliza num espaço assim?
- O comércio globalizado onde todas as lojas têm marcas ou fazem parte de algum grande conglomerado tem espaço para atividades praticamente invisíveis que são utilizadas por conhecedores e iniciados?
- Será que essas estranhas características podem ser consideradas um erro de projeto de arquitetura ou são ao contrário, uma alternativa possível?

Na comparação com as Passagens de Paris percebe-se em primeiro lugar a falta de “glamour” e o não favorecimento do fluxo de passantes. São serviços

comuns que servem à vida cotidiana. Não existe espaço para a surpresa ou para a compra por impulso.

**Figura 08: Unidade de Habitação de Marselha – Le Corbusier. Edifício como bloco solto em meio ao verde. Rua comercial no centro do edifício, a meia altura, marcada pelos brises verticais.**



Fonte: Croqui do autor, junho 2013.

## GALERIAS DE COPACABANA X VICTOR GRUEN

A respeito da configuração espacial aparentemente inadequada vale mencionar o trabalho referência do arquiteto austríaco e naturalizado norte-americano Victor Gruen<sup>12</sup>. Nos anos 50 este arquiteto projetou e construiu uma série de estruturas comerciais que viriam a ser chamadas de shopping centers. Por isso Gruen é conhecido como o inventor desta tipologia hoje considerada como um paradigma do urbanismo de subúrbio, ligado ao rodoviarismo. Paradoxalmente, este arquiteto estava interessado em resolver problemas decorrentes da desagregação das cidades do interior dos EUA. Propunha o Shopping Center como um novo centro cívico, local de encontros e vida comunitária. Em 1956 Gruen projeta o primeiro centro comercial fechado (o primeiro de muitos), considerado o primeiro Shopping Center, chamado *Southdale Mall* em Edina, Minnesota. O arquiteto sistematizou a concepção arquitetônica desses edifícios de tal forma que além de o tornarem famoso, estabeleceu a base do corpo de conhecimentos utilizado até os dias de hoje.

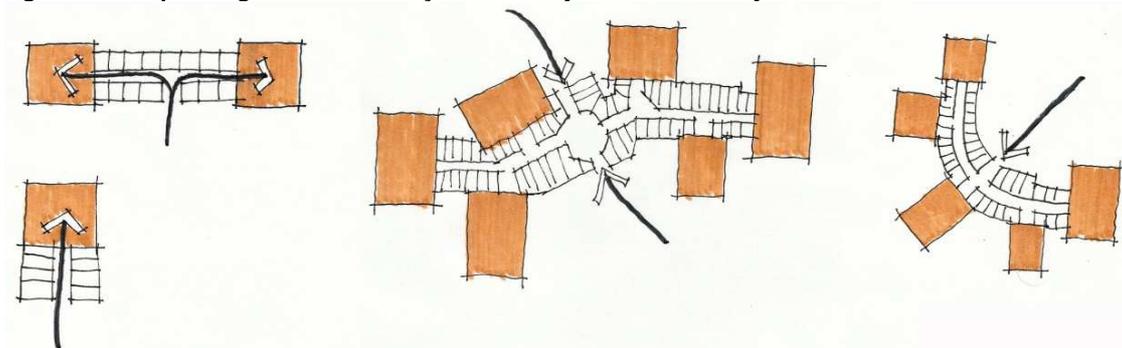
A conceituação sobre o cidadão-consumidor, o estudo do seu comportamento ao entrar no espaço do Shopping Center, seus padrões de referência e

<sup>12</sup> Ver capítulo intitulado "Good Intentions" e "Gruen Urbanism" da página 371 a 389, do livro "Project on the City 2" Harvard Design School Guide to Shopping editado por C.J.Chung, J.Inaba, R.Koolhaas e S.T.Leong. Editora Taschen, 2001.

localização, capacidade de percepção de estímulos arquitetônicos, tendências espontâneas de deslocamento, são temas cuja pesquisa e desenvolvimento são atribuídos a Gruen. Existe um conceito de marketing chamado “Gruen Transfer”<sup>13</sup> que se refere ao sentimento de desorientação experimentado pelo consumidor ao entrar num espaço com excesso de informações arquitetônicas e de ofertas de produtos. É o momento em que o cidadão se transformava em consumidor.

Nos dias de hoje os conceitos de “loja âncora” e “loja satélite” são ainda amplamente aceitos como verdades absolutas na concepção e projeto de Shopping Centers. Entender que para “atrair” o cidadão-consumidor para dentro de um espaço que pretende ser um simulacro de um núcleo comercial de cidade, é preciso uma loja consagrada que preferencialmente tenha uma ampla oferta de produtos essenciais a preços adequados – uma loja de departamentos – ou um conjunto de lojas de alimentação rápida – a praça de alimentação – ou um equipamento de entretenimento, qualquer destas opções que garanta um afluxo de pessoas permanente. Esta é a “loja âncora”. Ao redor desta estariam as “lojas satélites” que vivem do fluxo de pessoas levado pelas âncoras. Ainda que nos últimos tempos o advento das marcas globais tirou o foco exclusivo da loja âncora e tendem a diluir o interesse do consumidor pelo “mix” de marcas oferecido pelo Shopping Center.

Figura 09: Esquema genérico da relação entre Lojas âncoras e Lojas satélites



Fonte: Croqui do autor, junho 2013.

A tipologia arquitetônica criada por Victor Gruen não é só isso. É uma caixa dotada de condicionamento de ar e iluminação artificial que cria condições ambientais perfeitas em qualquer parte do mundo em qualquer época ou

<sup>13</sup> Gruen Trasfer ou Gruen Effect, ver livro “Mall maker: Victor Gruen, architect of na American dream” de M.Jeffrey Hardwick

estação do ano, independente do clima exterior. Independente do ciclo solar, dentro do Shopping Center é sempre dia, a vegetação cresce exuberante, fontes e lagos completam o cenário.

Esta é a “fórmula” do Shopping Center já há algumas décadas. Fora as tendências passageiras quanto à linguagem arquitetônica, uso de materiais, ambiência de iluminação e mobiliário, tudo permanece como concebeu Victor Gruen em 1956.

O mercado imobiliário se encarregou de estabelecer atributos e atribuir valor para a performance que cada elemento arquitetônico tem em relação ao consumo e a comercialização de bens e dos próprios imóveis. Certas lojas, apartamentos ou salas comerciais valem mais e outras menos. Existe uma lógica particular nesse assunto.

Nos dias de hoje, o sistema econômico assumiu um papel muito mais ativo na configuração dos espaços de uso público na cidade. O momento atual é diferente daquele quando Gruen projetou seus primeiros shoppings ou que as galerias de Copacabana estavam sendo construídas. Apesar da hegemonia incontestável do foco nas condições de rentabilidade financeira, vale à pena recuperar a visão crítica de R. Koolhaas no texto “Espaço Lixo”, escrito em 2001:

“(...) o espaço lixo é o resíduo que a Humanidade deixa sobre o planeta. O produto construído da modernização não é arquitetura moderna, mas antes o espaço-lixo. O espaço-lixo é o que resta depois da modernização seguir o seu curso, ou mais concretamente o que se coagula enquanto a modernização está em marcha, o seu resíduo. A modernização tinha um programa racional: partilhar as bênçãos da ciência, universalmente. O espaço lixo é a sua apoteose ou a sua fusão. Embora cada uma das suas partes seja o resultado de inventos brilhantes, lucidamente planejados pela inteligência e potenciados por computação infinita, a sua soma augura o fim do iluminismo, a sua ressurreição como uma farsa, um purgatório desvalorizado...”

E ainda:

“O espaço-lixo parece uma aberração, mas é a essência, o principal... o produto de um encontro entre a escada rolante e o ar condicionado, concebido numa incubadora de gesso acartonado (as três coisas que faltam nos livros de história). A continuidade é a essência do espaço-lixo; este aproveita qualquer invento que permita a expansão, revela uma infraestrutura ininterrupta: escadas rolantes, ar condicionado, aspersores, portas corta-fogo, cortinas de ar quente... É sempre interior e tão extenso que raramente se vislumbram limites; fomenta por todos os meios a desorientação (os espelhos, os brilhos, o eco)... O espaço-lixo é selado, mantém-se unido não pela estrutura, mas pela pele, como uma bolha. (...) Como custa dinheiro, deixou de ser grátis, o espaço condicionado transforma-se inevitavelmente num espaço condicional.”

Montaner em “A Modernidade Superada” atenta para o mesmo tipo de espaço quando escreve:

“Os lugares já não são interpretados como recipientes existenciais permanentes, senão que são entendidos como: intensos focos de acontecimentos, concentração de dinamismo, torrentes de fluxos de circulação, cenários de fatos efêmeros, cruzamentos de caminhos, momentos energéticos.” (Montaner, 2001. Pág. 43)

O mesmo autor ainda faz menção às idéias de Marc Augé, que podem trazer um contraponto interessante para as análises pretendidas neste trabalho. Ao relacionar as novas realidades espaciais, menciona:

“Não-lugares (fenômeno que Marc Augé qualificou como espaço da supermodernidade e do anonimato, definido pela superabundância e o excesso. São espaços relacionados sempre com o transporte rápido, o consumo e o lazer que se contrapõem ao conceito de lugar das culturas baseadas em uma tradição etnológica localizadas no tempo e no espaço, radicadas na identidade entre cultura e lugar, na noção de permanência e unidade.” (Montaner, 2001. Pág.44)

Nos dois edifícios estudados em Copacabana nenhum dos conceitos estabelecidos após os shoppings de Victor Gruen ou vestígios da lógica que impõe como preponderante a performance financeira dos elementos arquitetônicos parece estar atendido. Eles não atendem a nenhum requisito comercial que os assemelhe a um Shopping Center, mas ainda assim, são uma oferta de salas comerciais e lojas numa das áreas mais valorizadas do Rio de

Janeiro. É possível perceber que existe uma clara e natural valorização das lojas voltadas para a rua no térreo, nos dois casos. Já as sobrelojas são espaços anti-convencionais.

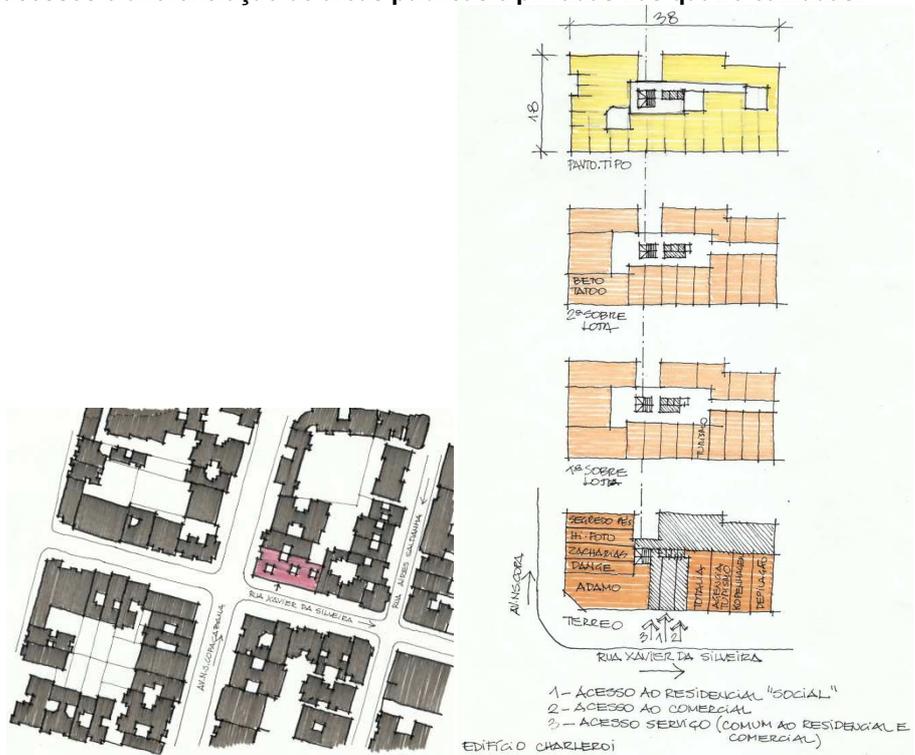
## CHARLEROI X RODRIGUES PERES

No edifício Rodrigues Peres, esquina da Rua Djalma Ulrich, a entrada para a galeria da sobreloja é posicionada num canto no local menos visível da frente de lojas alinhadas com a Avenida N. S. de Copacabana. O que seguindo uma lógica esquemática parece ser um acerto do projeto. O acesso, entretanto é um corredor sem maiores informações que revela uma escada reta em dois lanços que conduz o visitante objetivamente ao pavimento superior. Na chegada existe um hall (condição que assume por ser um pouco mais largo que a circulação de acesso as salas) com uma pequena recepção. Os materiais de revestimentos revelam uma reforma recente na tentativa de torná-lo mais luxuoso e compatível com os espaços comerciais atuais. O tratamento de cada sala porém parece ser deixado a cargo de cada responsável. Seguem-se imobiliárias, uma academia de “Jiu Jitsu” de baixo investimento, um curso de inglês (sem marca famosa) e alguns escritórios de advogados. Um comprador de ouro e um sapateiro. Muitas salas têm vidro e letreiros, mas outras são fechadas com alvenaria e o acesso acontece por uma porta com campainha e “olho mágico” nos moldes de um apartamento residencial. Consultado, o porteiro garantiu que ali não mora ninguém, mas não soube dizer que tipos de serviços eram oferecidos naquelas salas. Vale dizer que a circulação é surpreendentemente estreita, a iluminação é precária. Chamam atenção dois conjuntos de portas de elevadores que são aqueles que dão acesso ao residencial acima. Segundo o porteiro, um deles pára na sobreloja e o outro não. Há uma placa com o curioso aviso (e ingênuo) de que o elevador é exclusivo dos moradores. As escadas também são comuns ao residencial e a parte comercial. A questão da segurança parece preocupar os responsáveis, há câmeras em toda parte. É, de fato, um mundo à parte, isolado do movimento constante da Avenida Nossa Senhora de Copacabana logo abaixo.



O outro edifício, Charleroi, na mesma avenida, na esquina com a Rua Xavier da Silveira parece um pouco mais sofisticado. Lojas no térreo, sendo uma delas uma marca conhecida e tradicional de chocolates e duas sobrelojas. Tem três acessos um ao lado do outro. A entrada de serviço do residencial com elevador e escada (a escada também dá acesso às sobrelojas), no centro o acesso “social” da parte residencial e ao lado o acesso comercial. Este último é o único sem grades ou controle aparente exceto por câmeras de segurança. Trata-se de um corredor estreito que dá acesso a um elevador com três paradas, térreo, 1ª. Sobreloja e 2ª. Sobreloja. Ele não segue ao residencial que acontece nos nove pavimentos acima. Uma vez na sobreloja o ambiente arquitetônico parece mais decadente que o anterior, materiais de revestimento antigos e gastos. Há uma circulação tortuosa que circunda o núcleo de elevadores. Os serviços oferecidos nas salas são semelhantes ao anterior com destaque para um atelier de tatuagem que parece movimentar o local. Algumas salas têm anúncios na fachada.

Figura 12 – À esquerda, mapa indicando cheios e vazios da quadra onde está localizado o edifício Charleroi, em Copacabana. Observe-se a alta densidade construída da quadra. À direita, plantas esquemáticas do térreo, duas sobrelojas e pavimento tipo do mesmo edifício. Observe-se os acessos e diferenciação de áreas públicas e privadas nas quatro camadas.



Fonte: Croquis do autor, junho 2013

Figura 13 – Imagens do Edifício Charleroi, à esquerda observa-se o duplo embasamento de sala comerciais/ lojas e as lojas térreas e à direita o corredor de acesso ao singelo elevador que dá acesso aos pavimentos comerciais.



Fonte: Fotos do autor, junho 2013.

## ELEMENTOS DE ANÁLISE

Os nove edifícios mistos elencados no mapa da figura 01 podem ser analisados e classificados de acordo com a sua configuração física:

- Área comercial apenas no térreo: Galeria River (1), Galeria Alaska (3) e Galeria Menescal (8) ou
- Área comercial em mais de um pavimento (térreo e pavimentos superiores): Cassino Atlântico (2), Ed. Rodrigues Peres (4), Ed. Charleroi (5), Ed. Roxy (6), Shopping 680 (7) e Centro Comercial de Copacabana (9).

## BECO SEM SAÍDA X CIRCULAÇÃO CRUZADA

Quanto à permeabilidade e comunicabilidade da galeria, elas podem ter apenas um acesso e são “Becos sem Saída”, e quando apresentam mais de um acesso tem “Circulação Cruzada”. O “beco sem saída” é a pior configuração possível e as lojas que estão no interior da galeria tendem a ser muito desvalorizadas. O apelo para que se chegue até o final do corredor sem nenhuma “atração” é o maior desafio destas galerias. São “becos sem saída”, o Ed. Rodrigues Peres (4), o Ed. Charleroi (5), o Ed. Roxy (6) e o Shopping 680 (7). Sendo que nos três primeiros exemplos o “beco sem saída” acontece em pavimentos elevados. O visitante é conduzido por uma modalidade de

circulação vertical, escada, elevador ou ambos que o leva ao “beco sem saída” aéreo, fora do chão, longe da rua. Já o Shopping 680 (7) é um caso avançado desta tipologia. O visitante é conduzido para dentro da galeria e não há outra saída. Mas uma vez dentro da galeria, ele é surpreendido por um espaço de pé direito triplo com escadas a vista, clarabóia acima e lagos com cascatas abaixo. Esta galeria foi conhecida durante muitos anos como “galeria do chafariz”. Foi construída em 1971.

São casos de “circulação cruzada” em sua configuração mais simples, a Galeria Alaska (3) e a Galeria Menescal (8), quando, a exemplo das passagens de Paris, a galeria conecta duas ruas. A Galeria River (1) tem dois acessos, mas ambos se conectam com a mesma fachada. A circulação faz um “U” invertido. Existem casos mais complexos de “circulação cruzada” quando a configuração interna assume o caráter de grande espaço espetacular como mencionado na Galeria 680. É o caso do Shopping Cassino Atlântico (2) e do Centro Comercial de Copacabana (9).

## CONCLUSÃO

Este trabalho quis demonstrar que existem ainda algumas alternativas à massificação do conhecimento técnico utilizado na concepção de projetos de arquitetura. Mesmo numa época em que a prática de projeto está tão intimamente vinculada aos compromissos financeiros. As galerias de Copacabana, aparentemente fora dos padrões convencionais e fora dos sistemas de consumo de massa, prestam um serviço à população local muito valorizado e que não poderiam estar em nenhum outro local de configuração mais de acordo com os padrões contemporâneos de estética e funcionalidade. E principalmente quanto aos rígidos padrões utilizados pelo mercado imobiliário nos dias de hoje, onde as decisões arquitetônicas são baseadas unicamente numa racionalidade rasa onde o resultado financeiro é o único parâmetro viável. No Rio de Janeiro existe um número enorme de estruturas arquitetônicas, além destas do bairro de Copacabana, que apresentam soluções ricas e originais de relacionamento entre público e privado, entre o espaço aberto e o espaço interno, de materiais, cores e formas arquitetônicas. Em geral construídas por volta dos anos 50.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BAUMAN, Zygmunt: **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BENJAMIN, Walter: **The Arcades Project**. Harvard University Press, 2002.
- CARDEMAN, David, CARDEMAN, Rogério Goldfeld: **O Rio de Janeiro nas Alturas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- CARDEMAN, Rogério Goldfeld: **Por dentro de Copacabana**: descobrindo os espaços livres do bairro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- FERNANDEZ PER, Aurora; MOZAS, Javier; ARPA, Javier: **This is Hybrid**: an analysis of mixed-use buildings by A+T. Victoria-Gasteiz. Spain: A+T Architecture Publishers, 2011.
- HARVEY, David: **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HARVEY, David: **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HAYS, K. Michael: **Modernism and the Posthumanist subject**: The architecture of Hannes Mayer and Ludwig Hilberseimer. MIT press, 1995
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- JAMESON, Fredric: **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Atica, 1996
- KLEIN, Naomi: **Sem Logo**: A tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- KOOLHAAS, Rem: **Delirio de Nueva York**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2004 (1ª. Ed. Em 1978)
- KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce: **S,M,L,XL**. New York: The Monacelli Press, Inc., 1995.
- KÓS, José Ripper - **Urban spaces shaped by past cultures**: historical representation through electronic 3D models and databases. Tese de doutorado defendida em 2003 na University of Strathclyde, Glasgow.
- LE CORBUSIER: **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes (original 1925), 2000.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1998
- LIPOVETSKY, Giles; CHARLES, Sebastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarola, 2004.
- LIPOVETSKY, Giles. **A Felicidade Paradoxal. Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MONTANER, Josep Maria. **Sistemas Arquitetônicos Contemporâneos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009
- MONTANER, Josep Maria. **Después del Movimiento Moderno**: Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.
- MONTANER, Josep Maria. **A Modernidade Superada**: Arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001
- REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia**: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1982.
- ROGERS, Richard; GUMUCHDJIAN, Philip. **Cidades para um pequeno planeta**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.

## Sites de Internet

Armazem de Dados da Prefeitura do Rio ([www.armazemdedados.rio.rj.gov.br](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br))

[www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)

[www.infomoney.com.br](http://www.infomoney.com.br)

<http://exame.abril.com.br>